

NO CENTENÁRIO DA “EDUCAÇÃO CÍVICA” DE ANTÓNIO SÉRGIO, PROPOSTA DE “EDUCAÇÃO PARA A FELICIDADE “

por MATILDE SOUSA FRANCO

1915, o ano da 1ª edição de “Educação Cívica”, em plena 1ª Guerra Mundial, é definido, por exemplo pelo escritor britânico T.H. Lawrence, contemporâneo de António Sérgio, como o ano em que o mundo velho acabou.

2015, tem sido considerado ano de descoberta do futuro, charneira para nova época mundial, em que penso urgir aprofundar a Cidadania, conducente à Paz. No final de 2014, o secretário-geral da ONU divulgou a sua proposta para o desenvolvimento global sob o título “O Caminho para a Dignidade até 2030 - acabar com a pobreza, transformar as vidas e proteger o planeta”. Transformar as vidas, certamente indo melhor ao encontro do maior anseio de todas as pessoas, que é ser feliz. Porque não apresentarmos agora uma pequena achega que pode ajudar a concretizar este desejo ?

Tenho o privilégio, que implica acrescidos deveres, não só de ser sobrinha-neta de António Sérgio (1883-1969), que era irmão da minha avó materna, mas também de muito com ele ter convivido desde pequenina, sobretudo nas tertúlias dos sábados à tarde na sua casa da Travessa do Moinho de Vento, nº 4, à Estrela, em Lisboa, onde agora funciona a Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES). Explico as minhas idas tão precoces a essas reuniões de intelectuais, onde facilmente 15 pessoas, ou muitas mais, debatiam os mais díspares assuntos, guardando eu vívidas memórias desde os meus 4 anos. A Tia Luísa, mulher do Tio António Sérgio, também bondosa e cultíssima, fazia questão de, a meio das animadas tertúlias, servir um chá; como era então hábito, a menina da casa (os tios não tiveram filhos e a minha mãe era considerada como tal) ajudava a servir o chá, e eu ia também ajudar. Muito nova e por iniciativa própria, comecei a ir ainda noutros dias visitar estes queridos e fascinantes tios-avós, tendo a sua casa, toda ela imbuída de ética, sido os meus primeiros e ideais Universidade e Parlamento.

Peço licença para transcrever uns excertos do livro “Educação Cívica”, com alguns dos muitos princípios que cedo escutei na Travessa do Moinho de Vento, os quais continuam actualíssimos: “cada um deve ser tratado conforme os méritos individuais, quaisquer que sejam as suas crenças, antepassados, posição social ou condições económicas”; “O futuro! Quando nos convenceremos de que se cria, avigora, triunfaliza um povo, não por uma colectiva recordação do passado, mas por uma aspiração comum para o

futuro?"; "Precisamos de educar a juventude de acordo com as necessidades da civilização moderna"; "o verdadeiro educador há-de ser um vidente, um precursor, um profeta", que promova a "educação moral" da juventude; "almeja criar reformadores", incentivando benevolência, generosidade, altruísmo, honradez, clara consciência dos deveres do cidadão, com "disciplina do carácter"... que seja "um desenvolvimento da iniciativa, vontade criadora, da responsabilidade, do autodomínio..."; "na sociedade infantil podemos nós suprimir as tendências patogénicas que intoxicaram a nossa adulta", sendo as "democracias deseducadas, terras propícias para charlatães"; "A qualidade eminente para o êxito de uma democracia é a benevolência, a fraternidade, contidamente expressa pela máxima: "Faz aos outros o que desejas que te fizessem"...

Por influência e inspiração do Tio António Sérgio, modestamente, surgiram vários rumos na minha vida: frequentei na instrução primária o colégio "Mundo Infantil", ligado à oposição a Salazar; ainda estudante do liceu, comecei a trabalhar em bairros de lata (lembra do que António Sérgio defendia, também na "Educação Cívica"- "A personalidade é o nosso escopo: mas essa personalidade só na acção social se pode formar e desenvolver"); prossegui este trabalho nos anos de Faculdade - curso de 1962 a 1967, colaborando então no CASU (Centro de Acção Social Universitário); licencieme em História, sobretudo por as questões do presente e do futuro deverem ser pensadas historicamente; fiz na Faculdade de Letras, para a cadeira de História de Portugal, um trabalho sobre António Sérgio Historiador; ensinei crianças, adolescentes, mas principalmente jovens universitários; sempre me interessei por Cultura, por Política, e aceitei ser Deputada Independente, pelo PS, cabeça-de-lista por Coimbra, de 2005 a 2009, tendo no Parlamento várias vezes evocado António Sérgio, e aí apresentado uma proposta de educação para uma cidadania moderna, com base científica nas recentes descobertas quanto à inteligência emocional e social, conforme consta do "Diário da Assembleia da República", I Série, nº 92, 8 de Junho de 2007, páginas 49 a 51, a qual chamei "Educação para a Felicidade", e que, perdoe-se-me o desabafo imodesto, foi então considerada extremamente inovadora, tendo-me recentemente sido dito estar a ser inspiradora de várias iniciativas privadas, quando o meu anseio é o ensino em geral, mas focado na escola pública.

Como o meu Mestre António Sérgio gostaria, não vou deter-me no passado, mas na actualidade e no futuro. Mais de dois séculos decorridos desde a Revolução Francesa, em que se proclamava a urgência de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, verifica-se que desse trio virtuoso, essencial ao permanente anseio humano de felicidade, o menos conseguido continua a ser a fraternidade, em que António Sérgio também insistia. As presentes variadas guerras, ondas de refugiados, terríveis acções terroristas, tornaram muito maior a premência de fraternidade, para o que a referida "Educação para a Felicidade" pode contribuir, pois todos e cada um de nós escolhemos e potenciamos ser construtores da guerra, ou da paz.

A "Educação para a Felicidade" seria uma actualização da disciplina de Cidadania e de outras e, devo começar por dizer, tal far-se-ia de forma a não haver sobrecarga, nem para professores, nem para alunos.

António Damásio, da Universidade de Iowa, afirma que: "Ser racional, não é separarmo-nos das nossas emoções. O cérebro que pensa, que calcula, que decide, não é diferente daquele que ri, que chora, que sente prazer e repulsa. A ausência de emoções e de sentimentos impede-nos de ser verdadeiramente racionais". Por exemplo, Martin Seligman, da Universidade da Pensilvânia, Walter Mishel, da Universidade de Stanford e Peter Salovey, da Universidade de Yale, afirmam que " a inteligência emocional é a capacidade de dominar as suas emoções, mas, sobretudo, de compreender as dos outros", e, digo eu, tal é fulcral para construir pontes de entendimento, a caminho da paz.

Está cientificamente provado que o QI (Quociente de Inteligência) apenas interfere em 20 % dos elementos que determinam o nosso sucesso e é imutável ao longo da vida, enquanto os restantes 80 % dependem de factores que englobam o que se considera Inteligência Emocional, sendo o seu quociente designado por QE, e podendo este sempre ser melhorado, mas quanto mais cedo melhor.

Estudos científicos modernos concluíram também que a amizade é o tipo de relação que mais contribui para a felicidade. "O importante é ter saúde, um bom emprego, amor, família e amigos. E viver em alegria e paz interior".

Richard Layard, da London School of Economics; afirma: "A felicidade deve tornar-se o objectivo da política e o progresso da felicidade nacional deve ser medido e analisado com tanta atenção como o crescimento do produto interno bruto (PIB). Este autor chama-lhe o "paradoxo do progresso", isto é, quanto mais enriquecemos, menos as pessoas aparentam ser felizes. Por isso, os governos deviam preocupar-se mais em promover a FIB, ou Felicidade Interna Bruta, do que o PIB, conforme vêm afirmando numerosos especialistas de vários países...".

A "Educação para a Felicidade" tenderia a ser leccionada do 1º ao 12º anos, incluiria normas de vida saudável, regras de cidadania, defesa do património ambiental e cultural, melhoraria substancialmente o QE dos alunos, deveria prevenir e contrariar o empobrecimento humano, seria contra toda a violência, incentivaria relações interpessoais gratificantes, altruístas, a favor do diálogo (diálogo também inter-religioso e inter-cultural), em prol da amizade, da paz, aproximando-nos o mais possível do maior desejo de todos nós, a Felicidade, nos moldes em que a Ciência nos explica.

Após 2009, quando dois prémios Nobel da Economia se dedicaram a integrar estatísticas económicas com conceitos de qualidade de vida, tornou-se moda medir a felicidade, mas o que tenho defendido, desde 2007, é termos uma política educativa pró-activa que, de preferência desde a mais tenra idade, fomenta e cimta a felicidade nos alunos, e que esta transborde para a sociedade, tornando-a mais coesa, solidária e feliz.

Portugal tem sido pioneiro mundial em fundamentais aspectos humanistas: desde há mais de 500 anos, na primeira globalização, que inclusivamente criou laços de afecto que têm atravessado os séculos e perduram em redor do mundo; no século XIX, Portugal foi pioneiro na abolição da escravatura e na abolição da pena de morte; no século XX, foi-o na igualdade de tratamento para mulheres e homens. No século XXI, Portugal poderá ser pioneiro na educação sistemática em prol da felicidade, conducente a maior harmonia, amor recíproco, fraternidade e Paz. Esta é uma forma de eu homenagear o meu Mestre António Sérgio, aquando do centenário da sua fundamental “Educação Cívica”. Obrigada, querido Tio e Mestre por tudo o que consigo aprendi e continuo a aprender!